

Prévia da inflação sinaliza pressões para o resto do ano

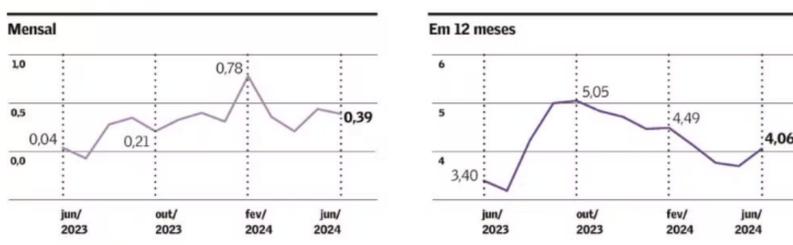
IPCA-15 acende alerta sobre o ritmo da desinflação e os rumos da política monetária

Por **Marsílea Gombata** e **Alessandra Saraiva** — De São Paulo e do Rio

27/06/2024 05h01 · Atualizado há 5 horas

Prévia da inflação surpreende

Variação do IPCA-15 - em %



Fonte: IBGE. Elaboração: Valor Data

A prévia da inflação oficial do país subiu menos que o esperado em junho, mas trouxe pressões que devem se perpetuar nos próximos meses, acendendo um alerta sobre o ritmo da desinflação e os rumos da política monetária.

Em junho, o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo-15 (IPCA-15) subiu 0,39%, ante maio, conforme divulgou o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), na quarta-feira (26).

O resultado do IPCA-15 de junho ficou abaixo da mediana de 0,43% em maio, de projeções compiladas pelo Valor Data.

No acumulado em 12 meses, o IPCA-15 ficou em 4,06% em junho, abaixo da mediana de 4,1% das estimativas de consultorias e instituições financeiras.

O IPCA-15 é uma prévia do IPCA, calculado com base em uma cesta de consumo das famílias com rendimento entre um e 40 salários mínimos, abrangendo nove regiões metropolitanas, além de Brasília e Goiânia. A diferença em relação ao IPCA está no período de coleta e na abrangência geográfica.

O período de coleta do IPCA-15 de junho, de 16 de maio a 14 de junho, ocorreu com efeito das enchentes no Rio Grande do Sul.

As variações de preços de alimentos, passagens aéreas e gasolina foram as que mais pesaram na leitura de junho. Os preços de alimentação e bebidas subiram 0,98%, maior variação entre as nove classes de despesa.

A inflação da alimentação no domicílio acelerou de 0,22% em maio para 1,13% em junho. Destaque para altas dos preços de batata-inglesa (24,18%), leite longa vida (8,84%), arroz (4,20%) e tomate (6,32%). A inflação da alimentação fora do domicílio subiu de 0,37% para 0,59% entre maio e junho.

No grupo habitação, que subiu 0,63%, houve aumento de 0,79% em energia elétrica residencial (0,79%) e água e esgoto (2,29%).

Outras classes que tiveram alta foram artigos de residência (de -0,44% para -0,01%) e despesas pessoais (de 0,18% para 0,25%).

“Os preços de alimentos devem continuar pressionando a inflação”, diz Matheus Ferreira, economista da Tendências Consultoria.

Ferreira afirma que, apesar de Porto Alegre ter registrado IPCA-15 de 0,41% em junho, na abertura do indicador local ainda é possível identificar pressão em alimentos.

“A alimentação em domicílio avançou 1,97% em Porto Alegre, ante 1,13% em todo o país”, diz o economista. “As pressões inflacionárias decorrentes da tragédia climática se materializam na alimentação. Esperamos que alimentos estejam pressionados até o fim do mês, com reversão nos meses posteriores.”

Das nove classes de despesas do IPCA-15, cinco tiveram queda de preço: vestuário (de 0,66% para 0,30%), transportes (de 0,77% para -0,23%), saúde e cuidados pessoais (de 1,07% para 0,57%), educação (de 0,11% para 0,05%), e comunicação (de 0,18% para 0,17%).

Itens como habitação, vestuário, transporte e saúde podem desacelerar o IPCA de junho para 0,34%, diz Fabio Romão, economista da LCA Consultores.

O IPCA-15 subiu 0,41% em junho na região metropolitana de Porto Alegre, após alta de 0,86% em maio. A leitura do IBGE, contudo, foi menor que a esperada por alguns economistas.

“Esperávamos IPCA-15 de 0,9%, e veio 0,4%”, diz André Braz, do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (FGV Ibre). Porto Alegre corresponde por 8% do IPCA nacional.

Segundo o economista, o dado coletado pelo FGV Ibre em Porto Alegre sugere que o impacto de alimentos adiante seja maior do que no IPCA-15 e que a inflação de junho seja mais alta que a prévia.

“

Esperamos que o grupo de serviços subjacentes encerre o ano perto de 6%”

— Andréa Angelo

“Há dificuldade de coletar preços, devido a muitos lugares fechados ou em fase de limpeza. Na impossibilidade de ir a campo, usamos dados de notas fiscais. E isso pode nos dar a possibilidade de olhar um pouco mais à frente”, diz Braz.

O FGV Ibre projeta avanço de 0,4% do IPCA em junho. Para o ano, a estimativa é de alta de 4,15%.

Em junho, tanto a alta da medida de dispersão quanto a aceleração da média dos núcleos acenderam sinal de alerta, afirma Romão.

A medida de dispersão ficou em 56,95%, acima de maio (55,31%) e junho de 2023 (50,68%). “Essa dispersão tem a ver com a questão alimentar, mas também com o fato de que bens industriais aceleraram, o que pode ser explicado pelo câmbio ou questões logísticas ligadas ao Sul, que concentra uma parte importante de autopeças.”

A média dos núcleos, por sua vez, registrou alta de 0,33%, acima de maio (0,31%) e próxima de junho do ano passado (0,34%). “Há a questão da robustez dos preços, com serviços subjacentes acelerando de um mês para o outro, o que tem relação com o mercado de trabalho que continua robusto”, diz.

A prévia da inflação menor que o esperado em junho, contudo, não muda a fotografia de que o ciclo de flexibilização da política monetária terminou neste ano, diz William Jackson, economista chefe para mercados emergentes da consultoria Capital Economics.

Andréa Angelo, estrategista de inflação da Warren Investimentos, alertou em nota a clientes para sinais de reaceleração da inflação de serviços subjacentes por causa do grupo de intensivos em trabalho.

“Os itens desse grupo são mais sensíveis a renda, emprego e mais inerciais. Com isso, esperamos que o grupo de serviços subjacentes encerre o ano perto de 6%, vindo de 4,8% em 2023”, escreveu.

A Warren Investimentos revisou projeções para o IPCA de junho, de 0,33% para 0,28%, e para o de julho, de 0,25% para 0,24%. Para 2024, a projeção do IPCA é de alta 4%, com viés de alta.